

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL
E ANOS INICIAIS**

**O IMC E A IMAGEM CORPORAL DE ALUNOS DE
UMA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO
FUNDAMENTAL DE PASSO FUNDO - RS**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Aline Araújo Silveira

**Serafina Corrêa, RS, Brasil
2015**

**O IMC E A IMAGEM CORPORAL DE ALUNOS DE UMA
ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL DE
PASSO FUNDO - RS**

Aline Araújo Silveira

Monografia apresentada ao Curso de Especialização do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS),
como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Educação Física Infantil e Anos Iniciais.

Orientadora: Prof^a. Ms. Simone Dias Leal

Serafina Corrêa, RS, Brasil

2015

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Física e Desportos
Programa de Pós-Graduação em Educação Física Escolar**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de especialização:

**O IMC E A IMAGEM CORPORAL DE ALUNOS DE
UMA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO
FUNDAMENTAL DE PASSO FUNDO - RS**

elaborada por
Aline Araújo Silveira

como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Educação Física Infantil e Anos Iniciais

COMISSÃO EXAMINADORA:

Simone Dias Leal, Ms (UFSM).
(Presidente/Orientador)

Haury Temp, Ms. (UFSM)

Taís Ximendes Vaz da Silva, Ms. (UPF)

Serafina Corrêa, 20 de fevereiro de 2015

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu filho Samuel que cotidianamente me instiga a criatividade e o dinamismo para as aulas de Educação Física com suas ideias maravilhosas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela sustentação nos momentos difíceis;
À minha orientadora Simone Dias Leal por ter sido tão acolhedora em todos os
momentos e não ter me deixado desistir;
A todos os professores e tutores que compartilharam
conhecimento ao longo do curso;
À minha querida Taís Ximendes Vaz, por extrapolar nossa amizade na fé
e aceitar contribuir com meu crescimento profissional.
À minha diretora Marinês de Lara Schaeffer
que sempre apoia meu trabalho com um incentivo que só ela sabe dar;
À minha coordenadora pedagógica Márcia Sehn por confiar no meu trabalho, por ser
minha grande amiga e tão parecida comigo!
À minha psicóloga Silvia Damini que tem me auxiliado no processo de reconstrução
da minha imagem corporal;
À minha cunhada Jessica de Oliveira Pereira,
quem me apresentou a este curso de especialização;
À minha amiga Greici Fior pelo seu altruísmo e por me fazer acreditar que realmente
existem pessoas boas no mundo: você me salvou inúmeras vezes;
Ao Maiky, meu companheiro, amor da minha vida, minha inspiração intelectual;
Aos meus alunos que me ensinam diariamente o exercício docente;
E por fim, aos amigos que toleraram minha ausência, me incentivaram e torceram
por mim.

“Estudar imagem corporal exige um mergulho em si mesmo, um contato profundo consigo, um reconhecimento de sensações de conforto e desconforto que, no primeiro momento, parecem vir de fora. Mas estas sensações brotam de nosso corpo!”

(Tavares, 2007)

RESUMO

Monografia de Especialização
Programa de Pós-Graduação
Centro de Educação Física e Desportos
Universidade Federal de Santa Maria

O IMC E A IMAGEM CORPORAL DE ALUNOS DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL DE PASSO FUNDO – RS

AUTORA: ALINE ARAÚJO SILVEIRA
ORIENTADORA: SIMONE DIAS LEAL

Data e Local da Defesa: Serafina Corrêa, 20 de fevereiro de 2015.

Este estudo teve como objetivo avaliar o estado nutricional dos escolares, através do índice de massa corporal (IMC), classificando-os segundo Conde e Monteiro (2006) e investigar a percepção da imagem corporal pela Escala de Silhueta de Stunkard. Ainda, buscou-se fazer uma reflexão sobre as contribuições que o professor de Educação Física pode dar na construção de uma imagem corporal positiva através de suas aulas. Para isso, a amostra foi de 113 alunos na faixa etária de 7 a 12 anos, sendo 60 meninas e 53 meninos. Observou-se que dos alunos avaliados 62,9% estão com peso normal, enquanto que 20,3% estão com excesso de peso e 16,8% com obesidade. Dos 113 avaliados, 32% estão satisfeitos com sua imagem corporal ao passo que 68% estão insatisfeitos. Destes 32% que estão satisfeitos com sua imagem corporal, 20 são meninas e 16 são meninos. Enquanto que dos insatisfeitos, 40 são meninas e 37 são meninos. Dos 77 alunos insatisfeitos, 33,8% sinalizaram vontade de ter silhueta maior (14 do sexo masculino e 12 do sexo feminino), enquanto que 66,2% gostariam de ter silhueta menor (23 são meninos e 28 são meninas). Cruzando os dados de percepção corporal entre os sexos, não se obteve diferença significativa ($p=0,794$), demonstrando que os alunos e as alunas tenderam a ter uma percepção semelhante com relação à imagem corporal. Sugere-se o planejamento de práticas pedagógicas que favoreçam a ressignificação corporal para reduzir o número de alunos insatisfeitos com sua autoimagem e a utilização de outros instrumentos avaliativos da percepção corporal.

Palavras-chave: Educação Física escolar. IMC. Imagem corporal.

ABSTRACT

Specialization monograph
Graduate Program
Center of Physical Education and Sport
Federal University of Santa Maria

BMI AND THE STUDENT BODY IMAGE OF AN ELEMENTARY SCHOOL IN PASSO FUNDO CITY - RS

AUTHOR: ALINE ARAÚJO SILVEIRA
GUIDANCE: SIMONE DIAS LEAL

Date and Place of defense: Serafina Corrêa, February 20th, 2015.

This study aimed to evaluate the nutritional status of schoolchildren through the body mass index (BMI), classifying them according to Conde and Monteiro (2006) to investigate the perception of body image by Stunkard Silhouette Scale. Still, we sought to reflect on the contributions that the PE teacher can give to build a positive body image through their classes. For this, the sample was 113 students aged 7 to 12 years, 60 girls and 53 boys. It was observed 62.9% of the students are evaluated with normal weight, while 20.3% are overweight and 16.8% were obese. Out of 113, 32% are satisfied with their body image while 68% are dissatisfied. Of those 32% who are satisfied with their body image, 20 are girls and 16 are boys. While dissatisfied, 40 are girls and 37 are boys. Of the 77 students dissatisfied, 33.8% signaled willingness to have greater silhouette (14 males and 12 females), while 66.2% would like to have a lower profile (23 are boys and 28 are girls). Crossing the data of body perception between the sexes was not obtained significant difference ($p = 0.794$), demonstrating that male and female students tended to have a similar perception about their body image. It is suggested creating pedagogic practices encouraging the body to reframe reduce the number of dissatisfied students with their self-image and the use of other evaluation instruments of body awareness.

Keywords: Physical Education. BMI. Body Image.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Caracterização da amostra por sexo.....	35
Tabela 2 - Caracterização da amostra com média e desvio padrão de idade, peso, estatura, IMC e insatisfação corporal (IC).	35
Tabela 3 - Demonstração de peso, estatura e IMC por sexo	36
Tabela 4 - Classificação do estado nutricional pelo Índice de Massa Corporal (I.M.C) da amostra total.....	37
Tabela 5 - Comparativo de IMC entre os sexos	37
Tabela 6 - Tabela demonstrativa dos dados femininos	38
Tabela 7 - Tabela demonstrativa dos dados masculinos	39
Tabela 8 - Tabela de percepção da imagem corporal por sexo	40
Tabela 9 - Tabela de insatisfação corporal	41

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Percepção da imagem corporal.....	40
---	----

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A - Critérios de referência para definição de Baixo Peso, Excesso de Peso e Obesidade para o sexo masculino (CONDE e MONTEIRO, 2006).....	49
ANEXO B - Critérios de referência para definição de Baixo Peso, Excesso de Peso e Obesidade para o sexo feminino (CONDE e MONTEIRO, 2006).	49
ANEXO C - Silhuetas de Stunkard para avaliação da imagem corporal para meninos	50
ANEXO D - Silhuetas de Stunkart para avaliação da imagem corporal para meninas	51

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	47
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
DESENVOLVIMENTO	14
1 O CORPO E SUAS POSSIBILIDADES	14
1.1 Abordagem antropológica do corpo.....	14
1.2 Abordagem histórica e conceitual da imagem corporal.....	16
1.3 A natureza relacional do corpo	20
1.4 Percepção individual da imagem corporal: Satisfação x insatisfação corporal.....	23
2 A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, IMC E A IMAGEM CORPORAL	26
2.1 A Educação Física escolar no processo de construção da imagem corporal.....	26
2.2 Por que avaliar o Índice de Massa Corporal na escola	28
2.3 Avaliação da percepção da autoimagem dos alunos.....	30
3 METODOLOGIA	32
3.1 Caracterização da pesquisa	32
3.2 Delimitação da pesquisa.....	32
3.3 Materiais e Métodos	32
3.4 Procedimentos	34
3.5 Tratamento estatístico	34
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	35

INTRODUÇÃO

Atualmente somos facilmente fascinados pela imagem. Tudo o que nos cerca tem um apelo visual forte e não raras vezes nossas escolhas são baseadas no critério da estética. A confirmação disso é que o planejamento de vida normalmente é feito a partir daquilo que é visualmente agradável. Tavares (2007) diz que nossas escolhas são alimentadas pela imagem. Desde pequenas coisas que são escolhidas, como uma comida, até as escolhas mais complexas como apartamento ou carro que se adquire são determinadas pela imagem, mesmo que posteriormente se perceba que a escolha não foi a melhor e mais adequada.

Igualmente, o que está em muito em evidência é a imagem humana, amplamente utilizada em publicidade e em redes sociais como forma de inserção e aceitação. Constata-se a prevalência do componente *aparência física* nas relações estabelecidas. No entanto, muito além do corpo objeto de exploração comercial, tem-se o corpo existencial que é elo de relação com o mundo, com o seu semelhante e consigo mesmo.

Diante disso, não há como o ser humano não se questionar sobre sua existência e sua função (do seu corpo) no mundo. Todas as vivências corporais e as relações que o indivíduo estabelece servirão de sustentação para elaboração da sua autoimagem corporal, já que “a imagem corporal é resultado da vida social” (Schilder, 1999 apud Tavares 2007, p.43).

O corpo tem inúmeras possibilidades e infinitas formas de abordagens que vão da antropologia, seus aspectos históricos, até a forma como é utilizado para construir relações, fatores estes certamente com grande importância na construção da *percepção da imagem corporal* que é a representação da imagem que o indivíduo tem de si, da sua totalidade, da sua complexidade e que expressa, em última análise, a sua satisfação ou insatisfação corporal.

A imposição de um padrão corporal estabelecido socialmente está entre os fatores que levam à insatisfação com a própria aparência e a busca incessante por agradar os outros a fim de ser aceito.

Neste sentido, buscando analisar a forma como esses alunos estão se percebendo e qual o estado nutricional deles, avaliou-se o Índice de Massa Corporal

que é um importante indicador. Além disso, objetivou-se também refletir quais as formas que as aulas de Educação Física podem contribuir para melhorar a autoimagem dos alunos.

Para isso, dispõe-se de um importante instrumento de avaliação da imagem corporal, que é a escala de silhueta de Stunkard, a qual permitirá mapear a percepção da imagem corporal, sinalizando para possíveis distorções.

Desta forma, o presente estudo avaliou o IMC de 113 alunos com idade de 7 a 12 anos estudantes do 1º ao 5º ano do ensino fundamental da Escola Municipal São Luiz Gonzaga do Município de Passo Fundo – RS e também a percepção da imagem corporal destes alunos para refletir quais as formas as aulas de Educação Física podem contribuir na construção da imagem corporal com estratégias que melhorem os índices de satisfação corporal.

DESENVOLVIMENTO

1 O CORPO E SUAS POSSIBILIDADES

1.1 Abordagem antropológica do corpo

Para iniciar as considerações acerca do corpo é fundamental tomar por base questões antropológicas na relação entre a historicidade e a visão corporal. Para tanto, é importante ressaltar que historicamente o homem, em sua existência corporal, não tem facilidade em visualizar e perceber o seu corpo. Nesse sentido surgem dúvidas antropológicas a serem respondidas, ou, ao menos, refletidas: Existe o corpo apenas objeto? Ou pode-se pensar na dicotomia¹ (ou dualismo²) corpo/alma³?

Na Filosofia clássica essa dicotomia é muito abordada por Platão que falava da dicotomia existente entre corpo e consciência. Em Platão, a alma, ou sua existência, precede a gênese do corpo. Essa não tem necessidade do sentido para sua existência, no entanto, o inverso se faz necessário. Ao ocorrer a união entre corpo e alma, essa sofre uma espécie de mutação, a partir do qual se torna prisioneira do corpo. Importante ressaltar que para Platão o corpo é negativo, voltado ao material, irracional, impulsivo e a decadência moral passa pelo objeto corpo (dissociado da alma). Para ele, o corpo conduz o homem aos “comportamentos inadequados”. A alma, por sua vez, seria o gerador da conduta moral surgida a partir de sua dominação.

Partindo da Idade Média, percebemos que a antropologia nos apresenta uma crise na relação do homem com seu corpo, fundamentando a relação entre corpo/alma na concepção Platônica, compreensão fruto do crescimento constante

¹ É a divisão de um conceito em dois elementos distintos e relacionados.

² É a coexistência de duas realidades contrárias entre si, como o e que estejam em eterno conflito. No caso da ideia do estudo tanto dicotomia quanto dualismo se confundem.

³ Pode-se colocar, ao invés de alma, o conceito de espírito ou até mesmo de consciência.

do cristianismo. Nessa época o corpo passa a ser considerado algo inferior. No entanto, ainda assim é respeitado como objeto de criação divina.

Desse evento surge o conceito da sacralidade do corpo, o qual contraditoriamente também é considerado sinal de pecado devido às doenças (pragas), as quais eram atribuídas à ausência da purificação do corpo das pessoas. Nesse contexto estão inseridas as torturas submetidas pelos homens em seus próprios corpos, uma forma pertinente de purificação para o momento vivido.

O corpo começa a ser visto de outra forma a partir da época do Renascimento e da Modernidade, passando a ser considerado, de fato, um objeto biológico, permitindo, dessa forma, que a ciência se ocupasse com seu estudo. Portanto, surge outra dicotomia em relação à corporeidade, um pouco avessa à dicotomia de Platão (corpo/alma): a do corpo/objeto. Diversas dúvidas têm sua gênese na época em questão, desde a dificuldade em associar o corpo e espírito em um único conceito até o distanciamento do corpo físico, que é objeto da ciência, ao corpo físico que se submete às leis da natureza.

Na Pós-Modernidade a questão corporal sofre grande mutação ligada ao conceito filosófico da Estética. O culto ao corpo e a ideia de uma visão corporal única, correta e perfeita, impulsionada pelo mercado consumidor, são percebidos com frequência absurda. Surge um novo significado para o conceito de corpo/objeto. Na Modernidade esse conceito toma forma de *Ser* no mundo, já na atualidade assume a forma de *Estar* para o mundo.

A comunidade de consumo dita a regra do modelo para a sociedade e algo que não se enquadre em tal modelo é automaticamente descartado.

Se de um lado, o filósofo inglês do Séc. XVII Thomas Hobbes acredita que o homem nasce mau e a sociedade que o torna sociável, para ele o homem retorna ao seu estado de natureza “Homo homini lupus”, ou seja, “homem lobo do homem”, como refém do seu “*logos*”, levando este homem a seguir os padrões de beleza ditados pela sociedade, por outro, o filósofo suíço do Séc. XVI Rousseau o contrapõe afirmando que o homem nasce bom e a sociedade o corrompe. Portanto há aí, a ambivalência de questões conflitantes que convergem ao mesmo resultado, ou seja, a escravidão ditada pela sociedade e aceito pelo intelecto do homem que pode resultar na insatisfação com o seu corpo.

Disso surgem as pragas urbanas da atualidade em relação à corporeidade, o ditame de regras sistemáticas e “obrigatórias” faz surgir questões ligadas à saúde

humana. Bulimia e Anorexia se tornam casos frequentes em nosso meio gerando uma dependência da imagem ajustada ao que a própria mente humana, influenciada pelo contexto, dita. O homem entra numa espécie de “complexo da madrasta”, onde o espelho tem o dever de afirmar e confirmar a beleza (ditada pela sociedade). Ao passo que, em determinado momento, quando o “espelho mágico” não nos fornecer a resposta correta, o homem entra na busca desenfreada de voltar a ser elogiado pelo espelho, amigo de outrora.

Nesse ciclo de escravidão corporal, entre o modelo aceito pela sociedade de consumo, o homem, numa espécie de seita religiosa, passa a adorar os seus “deuses” nominados por *Médico*, *Nutricionista*, *Treinador*, entre outros e os adora nos templos sagrados das academias e consultórios. Além disso, surge a ideia de que o ciclo de convivência deve ser dessa mesma forma e o que é se diferencia disso, é escória.

Assim, se retorna ao sistema utilizado na Grécia antiga, onde os “diferentes” vindos de outras localidades eram considerados *Bárbaros* e, portanto, excluídos da sociedade de convivência por não estarem dignos.

Ademais, deve-se entender o corpo, de fato, como corporeidade, assim superando outro dualismo que se apresenta o psico/físico que é imposto pelas condições apresentadas pela sociedade atual. Enquanto estar saudável (no contexto de saúde) apresentando e trabalhando o corpo com os requisitos contemporâneos de beleza é uma situação louvável, a eterna busca por isso, tendo em vista tão somente a inserção social e o aceite de um padrão imposto pela sociedade de consumo, torna-se perfeitamente dispensável.

O corpo, portanto, deve ser tratado na sua complexidade como um ser total e amplo, abrangente do conceito de corpo social e corpo próprio, ambos embutidos no primeiro. Somente dessa forma o homem poderá, de fato, tratar do conceito de corporeidade com razão e louvor.

1.2 Abordagem histórica e conceitual da imagem corporal.

Para a evolução dos estudos e conhecimentos acerca da imagem corporal como é entendida atualmente, percorreu-se um longo caminho. No início do século

XVI, na França, está o início da história imagem corporal⁴ com o médico e cirurgião Ambroise Paré, a partir de observações em pacientes que relatavam sensações em membros amputados, fenômeno este que ele chamou de “membro fantasma”.

Após três séculos, o americano Weir Mitchel também demonstrou interesse nos estudos dos “membros fantasmas” e fez pesquisas com amputados analisando a forma de compreender e lidar com a nova imagem corporal após a perda de um membro, e foi pioneiro, junto com William Gowers e Hoghlings Jackson nos métodos clínicos para a avaliação de doenças neurológicas demonstrando que, sob tratamento ou condições experimentais, a imagem corporal pode ser modificada.

No início do século XX, encontram-se registros de início das pesquisas sobre imagem corporal as quais continuavam no viés da neurologia, agora com o intuito de investigar distúrbios de percepção corporal em pacientes com lesões cerebrais no sistema nervoso central.

Em 1905, o francês Bonnier, deu início aos seus estudos sobre a imagem corporal a partir de casos clínicos de pacientes com labirintite que relatavam enxergar seus corpos diferentes do real: “menores, mais largos, distorcidos ou sem limites” (CAMPANA, 2009, p. 25) e a partir disso delineou um distúrbio em toda imagem corporal que foi denominado como “esquematia”, que significa a distorção do tamanho das áreas corpóreas. “Os estudos era dirigidos para descobrir quais estruturas do cérebro eram centrais para manter um padrão normal de reconhecimento do corpo” (Ibid., p. 22). Daí a utilização pelos neurologistas do termo *esquema corporal* para designar a noção do corpo numa perspectiva neurológica.

Baseado nos sintomas clínicos Campana definiu que:

o *schéme* é uma representação espacial consciente do corpo, que determina a orientação do corpo e de suas partes, incluindo o volume, a localização exata das informações sensoriais, o que baseia a noção de ter um corpo. (CAMPANA, 2009 p. 26).

O neurologista britânico Henry Head foi o pioneiro em descrever o termo *esquema corporal* no ano de 1911 e este termo foi utilizado essencialmente para a neurologia a fim de enfatizar “o papel do esquema corporal em orientar a postura e o movimento corporal”. (SILVA, R. F.; JÚNIOR, R. V.; MILLER, 2010. p.2).

Ao longo dos tempos, as pesquisas de imagem corporal foram se modificando e conseqüentemente abrindo-se a outras perspectivas. Durante os anos 1920 e

⁴ Imagem corporal: quando iniciaram os estudos, não se utilizava o termo “imagem corporal”.

1930 expandiram os estudos, se afastando da visão unidirecional e ampliando-a para uma visão multifacetada que extravasasse os aspectos neurológicos, início de tudo, abordando também os aspectos fisiológicos e psicológicos.

Esse marco tem como referência o neurologista, psicanalista e filósofo Paul Schilder (1886-1940), o qual foi essencial nas descobertas sobre a imagem corporal para além de indivíduos com lesões cerebrais, ampliando as pesquisas com pessoas saudáveis e em situações cotidianas abordando também a dimensão sócio afetiva, como afirma Tavares:

Não podemos, no entanto, esquecer que o tema “imagem corporal” surgiu em um contexto de pesquisas biomédicas voltadas para o corpo biológico (fisiologia, neurologia) e só com base nos estudos de Schilder passou a incorporar também aspectos afetivos e sociais. (TAVARES, 2007, p.41).

Schilder, em 1935, publicou o primeiro livro totalmente dedicado aos estudos da imagem corporal, apresentando os diversos ângulos de percepção da imagem corporal do sujeito e o seu corpo. Ele também foi o primeiro estudioso a “introduzir o desenho da figura humana como método de investigações sobre imagem corporal” (CAMPANA, 2009, p.33-34).

Em sua primeira obra sobre o assunto, o autor trata a imagem do corpo humano como

a figuração do nosso corpo formada em nossa mente, ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós. Há sensações que nos são dadas. Vemos parte da superfície do corpo. Temos impressões táteis, térmicas e de dor. Há sensações provenientes de músculos; (...) sensações provenientes da inervação dos músculos... sensações provenientes de vísceras(...) O esquema do corpo é a imagem tridimensional que todos têm de si mesmos. Podemos chama-la de imagem corporal. (SCHILDER, 1980, p. 11 apud CAMPANA, 2009, p. 30).

Da diversidade de autores que pesquisaram sobre o assunto, alguns distinguem bem o que consideram *esquema corporal* e o que definem como *imagem corporal*. Entretanto, outros utilizam indistintamente os termos porque defendem que esta diferenciação é ilusória já que são aspectos indissociáveis.

Se de um lado há uma vertente que associa diretamente a imagem corporal com aspectos de aparência física, por outro, há os que demonstram preocupação em não condenar a imagem corporal a esse reducionismo, o que é por vezes, a maior tendência.

Campana (2009, p.36) relata que em 1958 Fisher e Claveland afirmaram que a “multiplicidade de conceitos e abordagem apenas contribuía para o atraso no desenvolvimento e no entendimento da imagem corporal”.

Schilder (1994, p. 11), apud Silva et al. (2004), quando conceitua *imagem corporal*, salienta que, "entende-se por imagem do corpo humano a figuração de nossos corpos formada em nossa mente, ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós". Ainda para ele, as mais variadas sensações percebidas e sentidas pelo corpo, formam a sensação corporal de conjunto, ou seja, do todo corporal, que é indissociável. A esse todo corporal, o autor denominou como sendo *esquema corporal* que “é a imagem tridimensional que todo mundo tem de si mesmo”. (SILVA, R. F.; JÚNIOR, R. V.; MILLER, 2010. p.2).

A noção de *esquema corporal* apresentada por Campana (2009, p.29) envolve “noções de tônus muscular, orientação espacial e orientação temporal, sensações e percepções, apontando para uma organização psicomotora global” Entretanto, o termo *imagem* seria empregado quando a informação do corpo torna-se consciente, ao passo que *esquema* estaria se referindo ao processo pré-consciente.

Do ponto de vista de Freitas,

o esquema corporal é uma estrutura, geneticamente necessária, a qual vem somar-se a imagem do corpo. A imagem, portanto, habita o esquema, preenche a estrutura, torna o corpo uma intencionalidade. (FREITAS, 1999, p. 27).

Dallo (2007 p.155) também defende que “a *imagem corporal* é a representação ou a ideia que formamos sobre nosso próprio corpo”. Ela é a forma como nos vemos; a representação da própria imagem do indivíduo.

Ainda, na visão de Barros,

a imagem corporal é a totalidade do indivíduo como ser humano. É a transcendência em olhar interna e externamente e perceber que somos fruto de nossas atitudes (físicas, mentais e emocionais) e, conseqüentemente, as imagens do corpo formam-se a partir delas. (BARROS, 2005)

Sem dúvida, para a formação da imagem do corpo, ultrapassam-se os limites anatomicamente definidos do corpo/carne, invadindo a esfera da corporeidade, ou seja, do corpo/sujeito estabelecendo relações de presença/atuação no mundo.

Assim, pelo fato destas trocas estabelecidas, entre indivíduos e estes com o ambiente não cessarem, a produção da imagem corporal nunca será definitiva,

acabada, pronta, conforme preconiza Freitas (1999, p. 22) quando diz que ela "permanece estável apenas o suficiente para voltar a modificar-se", isto é, num constante processo de destruição x reconstrução.

Esta oscilação da imagem corporal (construção/desconstrução/reconstrução) é um processo que inclui elementos conscientes e inconscientes, justificados por aquilo que o indivíduo vivencia: seu estado emocional, desejos, os conflitos psíquicos, as interações com as imagens corporais de outrem. O mesmo autor ainda diz que "a imagem do corpo é, [...] uma reconstrução constante do que o indivíduo percebe de si e das determinações conscientes que ele traz de seu diálogo com o mundo" (1999, p. 30).

Diferentemente das conceituações que abrangem os aspectos biológicos e afetivos, para Dolto (2001), a *imagem corporal* está intimamente ligada ao inconsciente, enquanto que *esquema corporal* perpassa os três estágios, podendo ser em parte inconsciente, mas também pré-consciente e consciente.

Por fim, as definições de *esquema corporal* e de *imagem corporal*, embora amplamente aprofundadas não se contrapõem, antes, se complementam. Apossando-se de estes conceitos, tanto de *imagem* quanto de *esquema corporal*, ora se apropriando de um, ora se apropriando de outro e ainda, por vezes, de ambos, a Educação Física também dedica seu olhar sobre o assunto na busca de também contribuir neste processo no que lhe for plausível.

1. 3 A natureza relacional do corpo

A existência do indivíduo se concretiza pelo corpo. É por meio dele que o ser humano se percebe, é percebido e interage no meio no qual está inserido. Embora isso pareça óbvio, no entanto, por um período "o corpo foi renegado, rebaixado, na construção de um homem abstrato, feito de ideias, sentimentos, valores" (Freitas, 1999, p.35). O corpo é o primeiro e maior mistério do ser humano e na sua complexidade "constrói e desconstrói discursos corporais que resultam em conhecimento de nossa vida" (Barros, 2005).

Neste sentido, é fundamental considerá-lo em seus múltiplos vieses numa visão integrada e abrangente entre o corpo físico, biológico, cognitivo, afetivo e social, estabelecendo relação entre essas perspectivas que são essenciais para o desenvolvimento humano e observando para não reduzi-lo apenas a um ou outro aspecto, já que o ser humano necessita de todos eles integrados para sua existência.

Na visão de Tavares (2007), o mesmo acontece com a imagem corporal: os aspectos que contribuem para sua formação são igualmente importantes por estarem atrelados aos aspectos corporais.

Justamente por este motivo Schilder afirmou que todas as pessoas que estão fora de nós são necessárias para a construção desta imagem. Nesta relação entre dois corpos há uma troca mútua onde “há o que se deixa no outro, há o que se retém do outro e há o que se mantém privado, particular” (Campana, 2009, p.31). Nesta relação estabelecida com o mundo, o corpo é objeto de socialização.

Para Schilder, o elemento social é muito importante, já que não estamos sozinhos no mundo, mas “somos um corpo entre corpos” (Freitas, 1999, p. 23).

Ainda para Schilder (1999, p.311-2) apud Tavares (2007, p.44)

(...) agimos intensamente em relação a nossos semelhantes. Há profundas conexões entre nossas ações e interesses pessoais e nossos interesses e ações relativos aos outros. A preservação da imagem corporal de outra pessoa é, em si, um valor ético. É verdade que (...) há uma tendência a destruir tanto nossa imagem corporal quanto a alheia. Mas a destruição não é meramente um modo de renovar a construção que, afinal, é o significado da vida?

A imagem corporal não se atém aos limites corporais visíveis externamente. Para Tavares 2007, ela vai além dos adereços que somos capazes de ver, como roupas e acessórios, etc., ponderando também aquilo que o corpo biológico é capaz de produzir das relações que consegue estabelecer com outrem. Para Schilder (1999) apud Tavares (2007, p. 43) “a imagem corporal é resultado da vida social”.

Silva et.al. afirma que:

perceber o outro, o corpo do outro, como ele sente e manifesta esse sentimento é algo tão elementar quanto perceber a si mesmo e suas próprias emoções. Emoções estas que tanto se dirigem a própria pessoa quanto àquelas que fazem parte do mundo, e neste sentido as emoções também são sociais (SILVA et al., 2010, p. 6).

O corpo é, portanto, o cerne das relações sociais à medida que vai estabelecendo o sentido da sua própria existência numa contínua construção e

reconstrução da imagem. A construção como um corpo é recíproca, pois as “experiências visuais que levam à imagem corporal pessoal levam, ao mesmo tempo, à construção da imagem corporal dos outros”. (SILVA et al. 2010, p. 6).

Inúmeros são os fatores que influenciam na imagem corporal que será formada e ressignificada inúmeras vezes, motivo pelo qual esse assunto tem sido amplamente aprofundado por diferentes áreas do conhecimento, ultrapassando os segmentos da neurologia, da psiquiatria, psicologia terapêutica e social, para também alcançar as áreas da Fisioterapia, a Terapia Ocupacional e a Educação Física, entre outras.

Essas diferentes abordagens não buscam fragmentar a compreensão da imagem corporal, mas complementá-la já que aspectos interligados como “movimento, sensibilidade, emoção e o processo cognitivo, associados às intervenções do ambiente e da cultura, influenciam nossa imagem corporal” (TAVARES, 2007, p.17).

Aquilo que o indivíduo sente, seu estado emocional, seus conflitos psíquicos, as relações estabelecidas com as imagens corporais alheias, entre outros fatores, são influenciadores na imagem corporal e, especialmente, na modificação dela.

Nesse sentido, Tavares dissertou:

Cada percepção gera uma mudança em nosso corpo que, por sua vez, provoca um movimento (ação) e cada novo movimento estimula uma nova percepção. Cada sensação provoca um efeito diferente, relacionado com a experiência que possuímos e a relação espaço/tempo no momento. Assim, um mesmo estímulo causa percepções diferentes a cada momento e em cada pessoa. É nesse ciclo que continuamente transformamos nossa imagem corporal, com base em nossas percepções e movimento. (TAVARES, 2007, p. 130).

Entretanto, isso não significa que esta construção da imagem corporal acontece de dentro para fora ou vice-versa, mas sim na relação entre ambos, numa produção recíproca e incessante.

Embora a existência de múltiplos conceitos, para Freitas (1999. p. 22), “a imagem corporal não é algo pronto e definitivo, altera-se constantemente e permanece estável apenas o suficiente para voltar a modificar-se”.

Tavares se embasa em Schilder para esclarecer essas modificações.

Se por um lado desejamos a transformação de nossa imagem corporal, por outro desejamos preservá-la dentro de seus limites. (...) trata-se de dois impulsos que muitos veriam como antagônicos, mas que Schilder encara como complementares: um desfazendo o que o outro fez para que o primeiro possa voltar a fazê-lo. (TAVARES, 2007, p.52)

Assim, o desejo que move o indivíduo à transformação da imagem corporal é o mesmo que faz a preservação desta imagem, prevenindo a dissociação completa e permitindo a continuação da agradável vivência reconstrutora. “Desejamos a integridade e a totalidade de nosso corpo [...], mas continuamos a fazer experiências” (SCHILDER, 1999, p.228 apud TAVARES, 2007, p. 52).

Nesta perspectiva, o ser humano se dividirá entre dois anseios contraditórios: de um lado o de buscar a completude da imagem corporal e de outro, enfrentar as tendências para sua dissolução, o que Schilder apud Tavares (2007) chama de tendências à ruptura.

As experiências que vivenciamos nunca cessam, motivo pelo qual a construção e a transformação da imagem corporal também não. Assim, quer sejam experiências relacionais com o seu semelhante, quer sejam vivências corporais com o mundo e com objetos, a imagem está constantemente se refazendo.

1.4 Percepção individual da imagem corporal: Satisfação x insatisfação corporal

Analisando a história corporal, percebe-se que para cada época teve um estilo/padrão de corpo, o qual as pessoas buscavam se enquadrar, sob pena de sentir-se excluído por estar fora dos padrões convencionalmente estabelecidos. Continuamente se buscou o ideal de beleza corporal sempre determinado pela cultura e o momento.

Apesar de este modelo sofrer alterações ao perpetuar dos anos, para cada época houve um padrão estabelecido como ideal pela sociedade, apenas mudando o foco, por vezes preferindo corpos grandes, volumosos; em outras a delicadeza e a beleza estética; outras ainda, priorizando as capacidades físicas, a força, o vigor.

Hoje não é diferente. Independente do gênero, da idade e classe social, cada vez mais os indivíduos estão buscando se ajustar aos padrões corporais que, em geral, são ditados pela mídia e pela sociedade, esta refém daquela.

Nesta mudança de interesse pelo corpo, vemos nos tempos atuais os ícones da beleza, as modelos profissionais de passarela, que possuem uma carreira marcada pela valorização do corpo e da imagem por ele produzida. O exercício da profissão requer, entre vários atributos de beleza, uma

aparência que se enquadre nos padrões estéticos exigidos pelo mercado. (SILVA e CARNEIRO, 2011, p.5)

É inegável que a sociedade demasiadamente valoriza a aparência, o esteticamente privilegiado, o padrão de beleza imposto pelo consumismo. Por conseguinte, ocorrem as cobranças veladas pela perfeição do corpo, o que geram muitas vezes, insatisfação com sua própria aparência, podendo evoluir para o distúrbio de autoimagem corporal.

Mas afinal, existe um padrão de beleza que deve obrigatoriamente ser seguido? Até onde esta ditadura do *belo*, corporalmente falando, deve absorver as pessoas?

Para Silva e Carneiro (2011, p. 3) apud Damasceno (2006)

desde a infância até a fase adulta alguns estereótipos nos são apresentados e atualmente as relações com o corpo são amplamente influenciadas por diversos fatores socioculturais. (SILVA e CARNEIRO, 2011 apud DAMASCENO, 2006).

Em geral, ilusoriamente o corpo tido como perfeito é aquele belo e magro (para as mulheres) e forte (para os homens). No entanto, o que fica mascarado é que essa imposição de beleza corporal tem vinculação com o consumismo que leva a pessoa a uma preocupação exagerada com a aparência física e a comprar tal beleza a qualquer custo.

Ao longo da vida, a construção da imagem corporal tem interferência de vários fatores, “como idade, traumas, intervenções pedagógicas ou terapêuticas, doenças, etc.” (TAVARES, 2003, p.86) os quais facilitam ou dificultam esse processo.

Dependendo da forma como o indivíduo se vê frente aos padrões de beleza impostos, ele pode acabar sentindo-se descontente com sua imagem corporal, fazendo uma avaliação negativa de seu próprio corpo e vir a desenvolver patologias de ordem física e psicológica, gerando problemas de distorções desta imagem e/ou transtornos alimentares como, anorexia, bulimia, obesidade, vigorexia⁵, etc., e ainda, ansiedade, preocupação e não aceitação de sua forma corporal, gerando sentimentos de insatisfação em relação ao seu corpo, problemas estes que geram

⁵ **Vigorexia, bigorexia** ou **transtorno dismórfico muscular**, ocorre quando uma doença psicológica caracterizada por uma insatisfação constante com o corpo, que afeta principalmente os homens, levando-os à prática exaustiva de exercícios físicos. Pode estar associada a uma distorção da autoimagem e a um transtorno psicológico similar à anorexia.

Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Vigorexia>> acesso em 30/01/2015

sofrimento intenso e estão associados a quadros clínicos de tentativa de suicídio e depressão, sendo possíveis de ser identificados ainda na infância.

Por outro lado, quanto mais diversificadas forem as abordagens visando o fortalecimento da autoimagem, maior será a satisfação corporal deste indivíduo. Neste sentido, a Educação Física escolar desempenha um papel fundamental auxiliando na construção positiva pelo *movimento*, estimulando a apropriação do *corpo*, da *corporeidade* e da *imagem corporal*.

2 A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, IMC E A IMAGEM CORPORAL

2.1 A Educação Física escolar no processo de construção da imagem corporal

Se até o momento falou-se em imagem corporal, como ela se constrói, suas conceituações e do instrumento pelo qual as sensações são possíveis de serem experimentadas e manifestadas, ou seja, o corpo, por onde também passam as possibilidades de reconhecer-se enquanto indivíduo, qual seria então o papel da *Educação Física escolar* no processo de construção desta imagem? Que contribuições as aulas de Educação Física trariam nessa perspectiva?

Sem dúvida, a reflexão passa pela “educação do corpo e do corpo na educação” (SILVA, 2010, p. 9), explorando as infinitas possibilidades corporais, oportunizando ao aluno apossar-se de seu corpo, assumi-lo como protagonista de sua história corporal e fazer uma reflexão sobre a imagem que tem de si mesmo.

O professor de Educação Física ciente desta possibilidade planeja sua prática docente com intervenções pedagógicas que favoreçam a assimilação da significação do corpo, ajudando o aluno a “compreender que cada gesto, cada movimento está envolto num universo de representações composto pela história de cada um” (SILVA, 2010, p. 10).

Dessa forma, a vivência corporal é única e está arraigada ao contexto e histórico individual. Muito além de imitar gestos numa aula, o aluno deve ser desafiado a “produzir gestos”, priorizando movimentos criativos e espontâneos, pois certamente eles virão carregados de um significado que lhe é particular.

Neste sentido, as aulas de Educação Física buscam promover o conhecimento do corpo real, auxiliando a todo instante a conhecer suas limitações, suas potencialidades, exercendo a sua corporeidade, ou seja, a capacidade de utilizar o corpo como forma de diálogo, de relacionar-se com o mundo e também a sentir o seu corpo em toda a sua dimensão sem fragmentá-lo.

Se o homem existe pelo seu corpo, o corpo “vive” pelo movimento, como observa Schilder (1994, p.115) apud Silva et al., (2010, p. 10) afirmando que “em toda ação, agimos não apenas como personalidades, mas também com nossos

corpos. Nosso *corpo* e com ele nossa *imagem corporal*, fazem necessariamente parte de qualquer experiência vital".

Desde o nascimento até a morte o ser humano vivencia continuamente experiências de exploração do seu corpo que são essenciais no progresso de desenvolvimento da imagem corporal. Nesse percurso, entre todos os fatores que colaboram para a construção/desconstrução/reconstrução - processo contínuo da imagem corporal, indiscutivelmente está o movimento, ou seja, a vivência corpórea que é o elo de relação com o mundo e com os outros.

Nesse caso, o professor não pode se esquecer que este aluno, na condição de corpo existencial, é dotado de aspectos físicos, psicológicos e sociais, motivo pelo qual o seu olhar deve ser para além do físico, longe de uma compreensão de movimento puramente físico.

Pela ação, o corpo e a imagem corporal são parte da experiência vital da qual Shilder (1994 apud SILVA et al., 2010) se referiu e que vai se agregando à vivência corporal de cada um.

Para contribuir, Muller dissertou

[...] a minha vivência corporal na infância quando brincava com bolas de sabão, pulava corda, andava de bicicleta, subia em árvores, faz parte de um passado que está muito presente no meu corpo. Na adolescência quando buscava modelos de mulher através de adornos que transformavam a minha imagem corporal, com o uso de batons, esmalte, chapéu, salto alto, lenços, penteados, etc. Tudo isto fez e faz parte de mim, criando um intercâmbio contínuo entre a minha imagem corporal e a dos outros. (MULLER, 2003 apud SILVA et.al., 2010 p. 12).

As práticas corporais com o mundo externo “são impregnadas de sensações de poder, medo, satisfação e muitos outros sentimentos que transformam e ampliam a visão de mundo, ao mesmo tempo em que modificam nossas estruturas internas” (TAVARES, 2007 p.190).

Neste sentido, o aporte das aulas de educação física para a construção da imagem corporal, a partir da seleção de conteúdos e de oportunidades de vivências corporais significativas, está em impulsionar o aluno a buscar o conhecimento do corpo real, levando-o a admitir, aceitar e superar suas limitações e suas potencialidades, o que lhe permitirá manter constantemente a sua imagem corporal em transformação, da mesma forma que vai auxiliar a também olhar o outro nesta mesma perspectiva.

Rompe-se com isso, um paradigma educacional que “estruturou-se a partir de ideias de um ‘aluno padrão’, ‘corpo perfeito’, ‘rendimento’ e ‘aptidão física’” (SILVA et

al., 2010, p. 13). A educação física escolar também cumpre sua função quando auxilia seu aluno a criar consciência corporal e romper com padrões pré-estabelecidos de beleza e de modelos

“estilizados e estilizantes de corpos” (‘abdômem tanquinho’, físico esquelético de modelos, entre outros), mas que reconhecendo-se como um “corpo entre corpo” permita-se o direito de ser, existindo de forma real, com todas as suas diferenças e semelhanças, sem a preocupação de apenas parecer e “estar fashion” (SILVA et al., 2010, p. 13).

Silva e Carneiro (2011), ao mencionar Matsuo et al. (2007), demonstram a importância da Educação Física não somente em sua *essência de movimento*, mas igualmente como *processo individual* que amplia as potencialidades humanas e como *fenômeno social*, construindo relações com o grupo ao qual pertence.

A atividade física de forma sistematizada, visando a experimentação corporal e a busca da autonomia pelos sujeitos, pode possibilitar melhorias na percepção da imagem corporal (...), visto que além de auxiliar na melhor compreensão das suas individualidades fisiológicas, psicológicas e sociais, é através da experiência com o corpo que podemos obter novas representações mentais, que se somam às antigas, desenvolvendo uma imagem corporal íntegra possibilitando uma reconstrução positiva e uma melhor adaptação do corpo à sociedade em que vivemos. (MATSUO et al., 2007, p.41 apud SILVA e CARNEIRO, 2011, p.14).

Mesmo que a escola esteja mergulhada nos estigmas da sociedade, ela tem por função romper com estes paradigmas sociais e culturais num trabalho que busque a realização pessoal do seu aluno, dando-lhe condições de, conscientes de suas possibilidades corporais, construir criticamente os padrões para sua vida.

2.2 Por que avaliar o Índice de Massa Corporal na escola

Uma das principais, se não a principal preocupação da sociedade moderna, na busca pela qualidade de vida, está relacionada com a massa corporal. Nem a magreza, nem a obesidade indicam saúde (tanto física, quanto mental). A busca deve ser pelo equilíbrio, embora o conceito de corpo saudável também venha sendo objeto de modificações ao longo da história.

Esse equilíbrio tão desejado não é algo específico, mas é fruto de um conjunto de comportamentos que são adotados e que levam à saúde do indivíduo na sua totalidade.

Como já visto anteriormente, a imagem corporal também depende de variáveis fatores. Um deles diz respeito “[a]o peso, a forma do corpo e a gordura corporal” (SANTINI e KIRSTEIN, 2012, p. 3) que podem levar à insatisfação do aluno. Para as mesmas autoras ainda, a criança pode também ter interferência na sua *estima corporal* que abrange outros aspectos gerais distintos de peso e forma do corpo, como por exemplo, cabelos, rosto, etc.

O que preocupa neste sentido é o fato da insatisfação corporal ser risco de desenvolvimento de transtornos alimentares, os quais têm repercussão no desenvolvimento físico, cognitivo, de autoestima e sociais. Se de um lado a obesidade é alvo de insatisfação e de recriminação, por outro, a magreza excessiva também é, embora socialmente a pessoa obesa sofra maior discriminação por estar “fora” dos padrões estabelecidos pela sociedade consumista. No entanto, os dois opostos são fatores extremamente prejudiciais à imagem corporal.

O índice de massa corporal (IMC) obtido pelo peso(Kg)/estatura²(m) é a medida mais utilizada para a classificação do estado nutricional. Desta forma, a investigação do IMC dos alunos constitui-se numa importante ferramenta de diagnóstico para acompanhamento da situação nutricional e do crescimento corporal. Através da coleta de dados como peso, estatura e idade, pode-se enquadrar a criança/adolescente numa tabela elaborada por Conde e Monteiro (2006) a qual classifica por idade o estado nutricional⁶ em *baixo peso, normal, excesso de peso e obesidade*.

Esse método permite analisar se o crescimento está ou não dentro do esperado e em caso de insucesso investigar as causas, sejam elas patológicas, comportamentais ou sociais a fim de pensar em estratégias e intervenções que minimizar os danos oriundos do baixo peso ou obesidade. Kakeshita e Almeida defendem que esta

avaliação do estado nutricional deveria ser rotineira como parte da atenção primária à saúde no sentido de prevenir o desenvolvimento de quadros mórbidos diversos, além de importante indicador no estabelecimento de atividades educacionais e de intervenção. (KAKESHITA e ALMEIDA, 2006, p. 498).

A Educação Física escolar tem essa prerrogativa, pois ao se preocupar com o estado de saúde de seus alunos estará contribuindo tanto para a manutenção e

⁶ O estado nutricional expressa o grau pelo qual as necessidades fisiológicas de nutrientes estão sendo atendidas. (Kakeshita e Almeida, 2006)

promoção da saúde, quanto promovendo a satisfação corporal, elevando a autoestima e como consequência trazendo resultados positivos que alcançam também a aprendizagem escolar.

2.3 Avaliação da percepção da autoimagem dos alunos

Incontestavelmente o ambiente sociocultural tem contribuições importantes no desenvolvimento de distorções da imagem corporal. É inegável também que o ambiente escolar de certa forma contribua para isso, pois ele é formado por pessoas que vêm desta sociedade as quais tem preocupações exageradas com corpos anatômica e esteticamente perfeitos, ditado pela cultura do belo que gera um conflito entre o corpo real (aquele que a pessoa tem) e o corpo ideal (aquele que a pessoa quer ter).

Estas cobranças e padrões impostos tem suscitado uma geração cada vez mais preocupada com o corpo e, como consequência, aumentando o número de pessoas com insatisfação corporal, pois a avaliação em relação ao próprio corpo tende a ser negativa.

Importante salientar que a imagem corporal não está atrelada especificamente ao IMC alto, que caracteriza a obesidade. Por este motivo, não se pode afirmar que uma pessoa com alto índice necessariamente tenha problemas com sua imagem corporal. Isso porque a satisfação com a imagem corporal não depende exclusivamente do peso corporal, embora este possa ser um fator de influência, o que depende de cada pessoa.

Obviamente que estar acima do peso não é sinônimo de insatisfação corporal, assim como estar abaixo do peso ou no peso ideal não é de satisfação. Como já visto esses dois sentimentos dependem de inúmeros fatores, os quais vão além do corpo (massa corporal) especificamente. Abordam aspectos que Damasceno et al. (2006), referenciando Thompson et al. (1999) descreveram:

[...] satisfação com o peso, acurácia da percepção do tamanho, satisfação corporal, avaliação da aparência, orientação da aparência, estima corporal, corpo ideal, padrão de corpo, esquema corporal, percepção corporal, distorção corporal e desordem da imagem corporal, dentre outras. (THOMPSON, 2006, p. 82 apud DAMASCENO et al., 2006, p. 82).

Se por um lado a imagem corporal sofre influência de inúmeros fatores, por outro, ela também é causa de alguns transtornos. Exatamente por isso, a identificação da autoimagem através de uma avaliação pode ser determinante para estabelecer estratégias de trabalho que auxiliem na autoimagem corporal positiva.

Além de avaliar o IMC, existem alguns instrumentos para avaliação da imagem corporal, como questionários ou escalas de silhuetas. Para este estudo, foi utilizada a *Escala de Silhuetas de Stunkard* (SCAGLIUSI et al., 2006 apud PIETROSKI et al., 2010, p.176) a qual é composta por nove silhuetas de cada gênero, que variam imagens de muito magras até as obesas e é utilizada para verificar a percepção corporal.

Ao apresentar as escalas de Silhuetas de Stunkard ao avaliado, ele é solicitado que aponte qual delas parece com sua silhueta real. Após, pede-se que ele aponte qual das silhuetas gostaria de ser, sugerindo a imagem ideal. Nesta escala, os valores iguais a zero representam a satisfação com a imagem corporal e os diferentes de zero, a insatisfação.

Numa visão simplificada, a insatisfação corporal seria “a diferença entre o tamanho corporal atual e tamanho do corpo ideal” (McCABE et al., 2004 apud MIRANDA, 2011).

Entretanto, é relevante aquilo que Campana salientou:

a avaliação e a compreensão da imagem corporal é possível, mas é leviano afirmar que a imagem corporal de um sujeito ou de um grupo é isso ou aquilo. O pesquisador deve reconhecer como fizeram Schilder, Fisher e tantos outros grandes estudiosos do tema, a incapacidade de visualizar o fenômeno completamente: o que vem à tona são os traços mais marcantes, mais estáveis. (CAMPANA, 2009, p. 19)

Com isso, não se pode afirmar categoricamente a partir de um teste aplicado que uma criança está com distúrbios da imagem corporal e fazer diagnósticos conclusivos, já que são inúmeros os fatores que interferem no resultado desta percepção, inclusive o momento no qual ela foi avaliada. No entanto, tais avaliações servem para sinalizar possíveis problemas e para adotar uma postura profissional que privilegie os estímulos e possibilidades de experiências corporais que favoreçam a melhora da percepção da autoimagem.

3 METODOLOGIA

3.1 Caracterização da pesquisa

Estudo descritivo, envolvendo estudo de caso, que segundo Rampazzo “observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los” (2005, p.53).

3.2 Delimitação da pesquisa

A pesquisa foi composta por 113 alunos com idade entre 7 e 12 anos, estudantes do 1º ao 5º ano do ensino fundamental do turno da tarde da Escola Municipal São Luiz Gonzaga de Passo Fundo – RS. Destes, 60 eram meninas e 53 meninos. Os alunos deveriam apresentar autorização dos pais e/ou responsáveis, os quais depois de devidamente esclarecidos acerca do objetivo e da forma como a pesquisa seria conduzida, assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice) permitindo a professora pesquisadora coletar dados como peso (Kg), estatura (m) e ainda, aplicar um instrumento avaliativo de imagem corporal, sugerido por Stunkard et al. (1983).

3.3 Materiais e Métodos

Este estudo foi realizado a partir de coleta de dados antropométricos para avaliar o índice de massa corporal (IMC) o qual é obtido através do cálculo do peso (em kilogramas) e da estatura (em metros) na aplicação da fórmula: $\text{Peso (kg)}/\text{Estatura}^2(\text{m})$. Para averiguação do peso utilizou-se uma balança digital da marca Tech Line com capacidade até 150 Kg com precisão de 100 g. Os avaliados

subiram na balança descalços, com pernas e pés paralelos, distribuindo o peso em ambos os pés, braços relaxados ao lado do corpo e palmas das mãos voltadas para o corpo e permaneceu sem movimentar-se. Além disso, preconizou-se o mínimo de roupa possível, sem nenhum objeto em bolsos ou na cabeça.

Para a estimativa da estatura (em metros), utilizou-se uma fita antropométrica com precisão de 0,1 centímetros fixada na parede a um metro do chão. O avaliado foi mantido na posição ortostática, mantendo contato de calcanhares, cintura pélvica, cintura escapular e região occipital na parede e mantendo a cabeça na linha do plano de Frankfurt.

Após o cálculo do IMC pela fórmula acima descrita, o resultado foi qualificado pela tabela de referência para crianças de Conde e Monteiro (2006), a qual classifica o avaliado em *baixo peso*, *normal*, *excesso de peso* e *obesidade*, conforme sexo e idade do avaliado (Anexos A e B).

Em relação à percepção da imagem corporal, foi apresentado aos alunos uma folha contendo as escalas de silhuetas de Stunkard (1983), a qual consiste em uma série de figuras esquemáticas que variam do muito magro a muito obeso, numeradas de 1 a 9, sendo uma escala para o sexo masculino e outra para o sexo feminino (anexos C e D).

Esta folha foi apresentada individualmente ao avaliado no momento em que eram realizadas as medidas de peso e estatura, e lhe foi solicitado que apontasse qual das figuras mais parecia consigo, representando seu tamanho corporal atual. Posteriormente, foi pedido que indicasse nas figuras logo abaixo como gostaria de ser, indicando assim a figura ideal.

A *silhueta real* é considerada uma medida de percepção que o indivíduo tem de seu corpo, enquanto a *silhueta ideal* é aquela que o indivíduo desejaria que fosse seu corpo. A insatisfação com a imagem corporal é obtida pela diferença entre a silhueta real e a silhueta ideal, ou seja, $(PIC^7 \text{ real} - PIC \text{ ideal})$. Assim, o grau de satisfação com o corpo é dado pela diferença da figura real e ideal, sendo que graus positivos indicam o desejo de um corpo menor, já os graus negativos, indicam o desejo de ter um corpo maior.

A variável de insatisfação com o corpo foi classificada em dois estratos - *satisfeitos* e *insatisfeitos*. Foram consideradas satisfeitas as crianças que tiveram

⁷ PIC – percepção da imagem corporal.

grau zero como resultado da diferença entre as figuras real e ideal na escala de imagem corporal. As demais, tanto grau positivo quanto negativo, indicaram insatisfação com sua imagem corporal. Dentro da insatisfação corporal, verificou-se a insatisfação desejando ter um corpo menor e também a insatisfação desejando ter um corpo maior.

3.4 Procedimentos

A pesquisa foi realizada na escola onde a pesquisadora trabalha, com os seus alunos. Inicialmente foi encaminhado por meio dos alunos o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (apêndice) para que os pais soubessem do que se tratava e autorizassem a realização da pesquisa. A coleta de dados foi feita somente com aqueles que apresentaram o termo assinado. As avaliações foram feitas na sala de materiais da Educação Física, onde os alunos foram conduzidos individualmente a fim de serem pesados e medidos e posteriormente, responder ao teste de figuras de silhuetas.

No momento da coleta de dados, os alunos foram informados verbalmente sobre seu peso e sua estatura.

3.5 Tratamento estatístico

Para esta pesquisa foi utilizado o pacote estatístico *SPSS 18.0* e *Windows Microsoft Excel*, foram analisadas as estatísticas descritivas como média, desvio-padrão, frequência das variáveis tabelas cruzadas e variação percentual. Para um melhor aproveitamento dos dados foi utilizado o teste estatístico Qui-quadrado, admitindo ser significativo quando o *p-value* < 0,05.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa buscou avaliar o estado nutricional das crianças (IMC) e a percepção corporal deles. Além disso, pretendeu refletir sobre as contribuições que as aulas de Educação Física dão para reduzir o número de alunos insatisfeitos com sua autoimagem, ressignificando a sua corporeidade através de práticas pedagógicas que auxiliem nesse processo.

A amostra foi composta 113 alunos, sendo 60 (53,1%) meninas e 53 (46,9%) meninos, com idade de 7 a 12 anos.

Tabela 1 – Caracterização da amostra por sexo

	FREQUENCIA	%
FEMININO	60	53,1
MASCULINO	53	46,9
TOTAL	113	100

Tabela 1 - Caracterização da amostra por sexo
Dados da pesquisa

Tabela 2 - Caracterização da amostra com média e desvio padrão de idade, peso, estatura, IMC e insatisfação corporal (IC).

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão
IDADE	113	7,00	12,00	9,1327	1,47905
PESO (Kg)	113	20,50	79,40	35,7920	11,32143
ESTATURA (m)	113	1,14	1,60	1,3737	,09125
IMC (Kg/m ²)	113	13,22	34,37	18,6616	4,18998
IC REAL	113	1,00	9,00	5,0531	1,54597
IC IDEAL	113	1,00	7,00	4,6106	1,26374
IC	113	-4	5,00	,4602	1,54709

Tabela 2 - Caracterização da amostra com média e desvio padrão de idade, peso, estatura, IMC e insatisfação corporal (IC).
Dados da pesquisa

O peso mínimo dos avaliados foi de 20,5 Kg e o máximo foi de 79,4 Kg. A estatura dos indivíduos variou de 1,14m a 1,60m e o Índice de Massa Corporal ficou entre 13,22 Kg/m² e 34,37 Kg/m².

Em relação à escala de silhueta de Stunkard com 9 figuras, a qual investigou a insatisfação corporal, os valores encontrados através da IC⁸ variaram do (-4) até (5), indicando que nesta amostra houve tanto insatisfação pelo baixo peso quanto pelo excesso de peso.

Tabela 3 – Demonstração de peso, estatura e IMC por sexo

	Feminino	Masculino	p-value
Peso (kg)	34,72±10,17	37,01±12,48	0,169
Estatura (m)	1,37±0,09	1,38±0,09	0,523
IMC (Kg/m²)	18,34±3,73	19,02±4,66	0,137

**Tabela 3 - Demonstração de peso, estatura e IMC por sexo
Dados da pesquisa**

Pela tabela acima se observa que os meninos apresentaram 6,6% a mais de peso, além de serem 0,73% mais altos que as meninas e apenas 3,71% de IMC maior, ou seja, os meninos estão com maior peso em relação às meninas.

A média da pesagem entre os meninos foi de 37,01±12,48 e para as meninas foi de 34,72±10,17 Kg. Em relação à estatura, os meninos também estão mais alto, sendo a média 1,38±0,09 para eles e 1,37±0,09 para elas.

Da mesma forma, o IMC dos meninos é ligeiramente maior, sendo a média 19,02±4,66 e para as meninas 18,34±3,73. Observou-se não haver diferenças significativas entre os sexos.

Em relação ao estado nutricional, classificando o IMC pela tabela de Conde e Monteiro, a maior porcentagem das crianças analisadas (62,9%) encontra-se com

⁸ IC: insatisfação corporal que foi calculada pela imagem corporal real - imagem corporal ideal. Os valores quando são negativos sugerem insatisfação com seu corpo pelo baixo peso, enquanto que os valores positivos indicam insatisfação pelo excesso de peso.

peso normal. Já na faixa de excesso de peso são 20,3% e os obesos são (16,8%), enquanto que com baixo peso não foi encontrado nenhum aluno.

Tabela 4 – Classificação do estado nutricional pelo Índice de Massa Corporal (I.M.C) da amostra total

DIAGNÓSTICO NUTRICIONAL	Frequência	Porcentagem (%)
Baixo peso	0	0
Normal	71	62,9
Excesso de peso	23	20,3
Obesidade	19	16,8
Total	113	100,0

Tabela 4 - Classificação do estado nutricional pelo Índice de Massa Corporal (I.M.C) da amostra total
Dados da pesquisa

Tabela 5 – Comparativo de IMC entre os sexos

Diagnóstico do IMC	SEXO	
	Feminino	Masculino
Baixo peso	0 0%	0 0%
Normal	38 63,3%	33 62,3%
Excesso de peso	10 16,7%	13 24,5%
Obesidade	12 20%	7 13,2%
Total	60 100,0%	53 100,0%

Tabela 5 - Comparativo de IMC entre os sexos
Dados da pesquisa

Comparando o IMC entre os sexos, percebe-se um índice maior de obesidade das meninas com 20% em comparação aos meninos que estão com 13,2%. Já com excesso de peso, os meninos se destacam com 24,5% em relação aos 16,7% das meninas.

No entanto, observou-se não haver diferenças significativas quando comparado o diagnóstico entre os sexos, apontando a amostra ser homogênea ($p=0,263$), conforme gráfico a seguir.

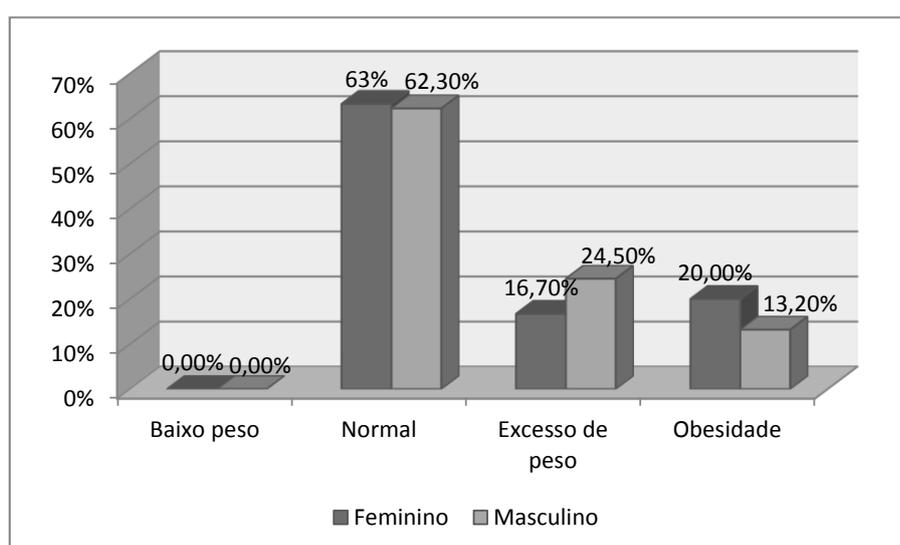


Gráfico 1 - Gráfico demonstrativo do diagnóstico de IMC entre os sexos
Dados da pesquisa

Tabela 6 - Tabela demonstrativa dos dados femininos

	N	Mínimo	Maximo	Média	Desvio-padrão
IDADE	60	7,00	12,00	8,9500	1,24090
PESO (kg)	60	21,80	75,30	34,7167	10,17143
ESTATURA (m)	60	1,14	1,56	1,3662	,08910
IMC (Kg/m ²)	60	13,22	33,02	18,3458	3,73341
IC REAL	60	2,00	8,00	5,1167	1,47397
IC IDEAL	60	1,00	7,00	4,6167	1,13633
INSATISFAÇÃO CORPORAL	60	-3,00	4,00	,5000	1,38393

Tabela 6 - Tabela demonstrativa dos dados femininos
Dados da pesquisa

O peso mínimo das avaliadas foi de 21,8 Kg e o máximo foi de 75,3 Kg. A estatura das meninas variou de 1,14 m a 1,56 m e o Índice de Massa Corporal ficou entre 13,22 Kg/m² a 33,02 Kg/m². Em relação à escala de silhueta de Stunkard com 9 figuras, a qual investigou a insatisfação corporal, os valores encontrados através variaram do (-3) ao (4), indicando que amostra feminina houve insatisfação pelo baixo peso e pelo excesso de peso.

Tabela 7 - Tabela demonstrativa dos dados masculinos

	N	Mínimo	Maximo	Média	Desvio-padrão
IDADE	53	7,00	12,00	9,3396	1,69777
PESO (kg)	53	20,50	79,40	37,0094	12,48353
ESTATURA (m)	53	1,19	1,60	1,3823	,09374
IMC (Kg/m ²)	53	13,33	34,37	19,0191	4,66399
IC REAL	53	1,0	9,0	4,981	1,6348
IC IDEAL	53	1,00	7,00	4,6038	1,40520
INSATISFAÇÃO CORPORAL	53	-4,00	5,00	,4151	1,72575

Tabela 7 - Tabela demonstrativa dos dados masculinos
Dados da pesquisa

O peso mínimo dos avaliados foi de 20,5 Kg e o máximo foi de 79,4 Kg. A estatura das meninas variou de 1,19 m a 1,60 m e o Índice de Massa Corporal foi de 13,33 Kg/m² a 34,37 Kg/m². Em relação à insatisfação corporal, os valores encontrados através variaram do (-4) ao (5), indicando que na amostra masculina também houve insatisfação pelo baixo peso e pelo excesso de peso.

No que se refere especificamente à percepção da imagem corporal, constatou-se que desta amostra a maioria está insatisfeita. Dos 113 avaliados, 32% (36 alunos) estão satisfeitos com sua imagem corporal ao passo que 68% (77 alunos) estão insatisfeitos.

As meninas mostraram ser a maioria entre os satisfeitos com sua imagem corporal com 55,6% em relação aos meninos com 44,4%, assim como entre os insatisfeitos (77 alunos), 52% são meninas e 48% são meninos.

Gráfico 2 – Percepção da imagem corporal

Gráfico 2 - Percepção da imagem corporal
Dados da pesquisa

Tabela 8 – Tabela de percepção da imagem corporal por sexo

	ALUNOS SATISFEITOS	ALUNOS INSATISFEITOS
FEMININO	20 55,6%	40 52%
MASCULINO	16 44,4%	37 48%
	36 100%	77 100%

Tabela 8 - Tabela de percepção da imagem corporal por sexo
Dados da pesquisa

Cruzando os dados de percepção corporal entre os sexos, não se obteve diferença significativa ($p=0,794$), demonstrando que os alunos e as alunas tenderam a ter uma percepção semelhante com relação à imagem corporal.

Em relação aos insatisfeitos, a insatisfação corporal pode ser sob dois aspectos: desejar ter uma silhueta maior ou uma silhueta menor.

Nesta pesquisa, dos 77 alunos insatisfeitos, 33,8% (26 alunos) sinalizaram vontade de ter silhueta maior, enquanto que 66,2% (51 alunos) gostariam de ter silhueta menor.

Na amostra masculina, 37,9% estão insatisfeitos pelo baixo peso e 62,1% pelo excesso de peso e na amostra feminina, 30% desejaram ter silhueta maior e 70% silhueta menor.

Observa-se então, que as meninas estão mais insatisfeitas desejando ter uma silhueta menor, enquanto que na insatisfação almejando uma silhueta maior os meninos estão com um percentual maior.

Tabela 9 - Tabela de insatisfação corporal

Insatisfação corporal	Alunos	Masculino	Feminino
Insatisfeito pelo baixo peso	26 33,8%	14 37,9%	12 30%
Insatisfeito pelo excesso de peso	51 66,2%	23 62,1%	28 70%
Total	77 100%	37 100%	40 100%

**Tabela 9 - Tabela de insatisfação corporal
Dados da pesquisa**

Ao verificar a IC com as outras variáveis dos alunos também não se obteve uma diferença significativa na aplicação do Teste Qui-quadrado: idade ($p=0,887$), sexo ($0,954$), peso ($p=0,276$), IMC ($p=0,168$). Porém na estatura ($0,005$) e diagnóstico ($p=0,011$) demonstraram ser altamente significativas, pois houve diferenças justificadas por uma relação positiva e crescente que quanto maior a IC, maior a estatura.

O estudo mostrou que a maior porcentagem dos avaliados encontra-se com seu peso dentro do normal para o estabelecido por Conde e Monteiro (2006) e que não houve incidência de baixo peso nesta amostra. Também apontou que as meninas (20%) estão com um percentual maior em relação aos meninos (13,2%) no

que se refere à obesidade, no entanto, não se observou diferenças significativas quando comparado o IMC entre os sexos, demonstrando que a amostra é homogênea ($p=0,263$).

Nesse estudo embora o número de alunos que estão classificados na faixa do excesso de peso e da obesidade ser de 42 alunos, o número de insatisfeitos pelo excesso de peso é maior, atingindo a 51 alunos, o que pode sinalizar a necessidade de fazer uma avaliação mais detalhada comparando o IMC e a percepção corporal de forma individual. Além disso, estes números podem indicar que a insatisfação corporal está relacionada a outros fatores que não o IMC.

Assim como numa pesquisa realizada em Belo Horizonte, a maior parte dos investigados está insatisfeita com sua imagem corporal. Segundo Bordignon e Teodoro (2011), os insatisfeitos são 62,6% o que confirma os achados nesta pesquisa onde foram encontrados 68% de insatisfação.

Da mesma forma outros dados apresentados por Bordignon e Teodoro (2011) com amostra coletada em Porto Alegre, as meninas também são a maioria entre os que desejam ser mais magras (55%) como na amostra desse estudo que chega a 70% da amostra insatisfeita. Em ambos os estudos apontam os meninos como os que desejam ter silhueta maior.

Também nos dados apresentados por Rodrigues et al. (2002), prevalece a insatisfação entre a maioria dos pesquisados e também apontam as meninas sendo as mais insatisfeitas, confirmando os resultados desse estudo.

Fernandes (2007) relata que a maioria das pesquisas sobre distúrbios da imagem corporal durante a infância e a adolescência indicam o sexo feminino e o desejo de ser mais magra, o que vem reafirmar os resultados aqui obtidos.

No entanto, Cusumano e Thompson (1997) apud Fernandes (2007) identificaram uma tendência crescente à insatisfação corporal entre os meninos e que eles tendem a aumentar sua insatisfação corporal com o passar dos anos, o que reforça a certeza da necessidade de estratégias pedagógicas e educacionais que reforcem a imagem corporal positiva dos alunos.

Quando se fala em imagem corporal, percebe-se que atualmente a insatisfação tem alcançado cada vez mais crianças e adolescentes, os quais desde muito cedo sofrem pressão de padrões estabelecidos. Este estudo, que teve o objetivo de avaliar o IMC e a percepção corporal dos estudantes de 1º a 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública comprova isso.

Em relação ao IMC, o resultado foi bem positivo, pois o índice de alunos que estão com peso normal é alto. Contrariando a tendência mundial que apresenta elevados índices de obesidade, nesta população isso não se confirmou. Com isso, surgem alguns questionamentos: o que torna essa amostra diferente? Quais são os motivos que levam a não prevalência da obesidade neste grupo? Que fatores interferem nos resultados do ICM destes alunos?

Quanto à percepção da imagem corporal, um fator preocupante é que mesmo os alunos estando dentro do índice de peso normal eles não estão, em sua maioria, satisfeitos, o que indica que os alunos fazem uma autoavaliação negativa em relação ao seu peso, à forma do corpo e à gordura corporal, aspectos estes que caracterizam a insatisfação corporal, um dos componentes da imagem corporal.

Neste caso, a forma como as crianças se percebem não retrata fielmente o seu IMC, confirmando que na infância já existe apreocupação excessiva com a imagem corporal, especialmente com o excesso de peso, já que a maioria dos insatisfeitos desejavam silhuetas menores.

O movimento está para o corpo como mediador da relação do indivíduo com o mundo à sua volta. Quanto mais ricas forem as experiências de movimento, melhor será a representação do corpo para nós. Com isso, constrói-se um ambiente favorável para o desenvolvimento de uma imagem corporal saudável. Seguindo essa perspectiva, não há ambiente melhor para que isso aconteça se não o ambiente escolar, onde são propiciados momentos ricos destas vivências corporais.

Nesta perspectiva, as aulas de Educação Física tem um papel importantíssimo no que tange ao planejamento de práticas pedagógicas que favoreçam a ressignificação corporal para reduzir o número de alunos insatisfeitos com sua autoimagem.

Ainda, sugere-se um acompanhamento contínuo com esta amostra populacional e a utilização de outros instrumentos avaliativos da percepção corporal abrangendo outros aspectos atitudinais além da insatisfação, como aspectos afetivos, cognitivos e comportamentais.

REFERÊNCIAS

ADAMI, et al., Insatisfação corporal e atividade física em adolescentes da região continental de Florianópolis. *Psicologia: Teoria e Pesquisa Psic.: Teor. E Pesq.* vol.24 nº.2 Brasília Apr./June 2008.

Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v24n2/02.pdf>> Acesso em 15/09/2014.

BARROS, D. D.; *Imagem corporal: a descoberta de si mesmo*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, vol. 12, nº 2, p. 547-54, mai/ago, 2005.

BORDIGNON, Suelen; TEODORO, Maycoln, Relações entre percepção corporal, autoconceito e traços depressivos em crianças escolares com e sem excesso de peso. *Aletheia* nº.34 Canoas abr. 2011. Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-3942011000100003&script=sci_arttext> Acesso em 15/09/2014

CAMPANA, Angela Nogueira Neves Betanho; TAVARES, Maria da Consolação Gomes Cunha Fernandes. **Avaliação da imagem corporal: instrumentos e diretrizes para a pesquisa**. São Paulo: Phorte, 2009.

CONDE, W. L. MONTEIRO, C. A. Valores críticos do Índice de Massa Corporal para classificação do estado nutricional de crianças e adolescentes brasileiros. *Jornal de Pediatria* (Rio J.) v. 82, n. 4, 2006.

DALLO, Alberto R. *A ginástica como ferramenta pedagógica: O movimento como agente de formação*/Alberto R. Dallo; tradução José Geraldo Massucato – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

DAMASCENO, V.O. et al. Imagem corporal e corpo ideal. *R. Bras. Ci. e Mov.* 2006; 14(1): 87-96.

DOLTO, Françoise. *A imagem inconsciente do corpo*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

FERNANDES, A.D. *Avaliação da imagem corporal, hábitos de vida e alimentares em crianças e adolescentes de escolas públicas e particulares de Belo Horizonte*, 2007.

FREITAS, Giovanina Gomes de. *O esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999.

FREITAS, Mauren M., Percepção da imagem corporal associada a indicadores antropométricos e fatores nutricionais em crianças e adolescentes com diagnóstico de transtorno de ansiedade. UFRGS. Faculdade de Medicina. Curso de Nutrição. 2013. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/77311>> Acesso em 15/09/2014.

KAKESHITA, I. S.; ALMEIDA, Sebastião S. Relação entre índice de massa corporal e a percepção da auto-imagem em universitários Rev Saúde Pública 2006; 40(3):497-504.

MACHADO, Danielle Zagonel et al . Desenvolvimento da imagem corporal interna por meio da perspectiva de Amann-Gainotti: uma visão desenvolvimental. Bol. psicol, São Paulo , v. 61, n. 135, jul. 2011 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432011000200009> Acesso em 14/01/2015

MACHADO, Flávia C.F. et al, Relação entre o índice de massa corporal e a percepção da auto-imagem em Estudantes de educação física. Revista Digital - Buenos Aires - Año 12 - N° 115 - Diciembre de 2007. Disponível em < <http://www.efdeportes.com/efd115/percepcao-da-auto-imagem-em-estudantes-de-educacao-fisica.htm>>. Acesso em 10/10/2014.

MIRANDA, V. P. Neves et al. Insatisfação corporal em adolescentes de municípios de pequeno porte de Minas Gerais. 2011. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v60n3/07.pdf>> Acesso em 05/01/2015.

PEREIRA, Érico Felden, et al. Percepção da imagem corporal de crianças e adolescentes com diferentes níveis socio-econômicos na cidade de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil Rev. Bras. Saude Mater. Infant. vol.9 no.3 Recife July./Sept. 2009 Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1519-38292009000300004&script=sci_arttext> Acesso em 20/10/2014.

PIETROSKI, Luiz Edio et al., Biometrica. 1ª ed. Jundiaí, SP : Fontoura, 2010.

RAMPAZZO, Lino. Metodologia Científica para alunos de graduação e pós-graduação. São Paulo: Edições Loyola, 3ª ed. 2005

RODRIGUES, Danieli P Silva, et al. Insatisfação com a imagem corporal e auto-estima. Livro de Resumos. Porto Alegre: UFRGS, 2002. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/65498>> Acesso em 05/01/2015.

SANTINI, Andréia P.; KIRSTEN, Vanessa R. Relação entre o perfil nutricional e a imagem corporal de escolares e adolescentes matriculados em escolas do meio rural da cidade de Santa Maria, RS. Revista da AMRIGS, Porto Alegre, 56 (1): 32-37, jan-mar. 2012.

SILVA, Stênio A.; CARNEIRO, Thaís R. Q. Importância do conceito de imagem corporal no trabalho dos profissionais de Educação Física Artigo apresentado no II Seminário de Pesquisas e TCC da FUG no semestre 2/2011.

SILVA, R. F.; JÚNIOR, R. V.; MILLER, J. **Imagem corporal na perspectiva de Paul Schilder**: contribuições para trabalhos corporais nas áreas de educação física, dança e pedagogia. Revista Mal-estar na Cultura / Abril-Novembro de 2010.

STUNKARD, A.J.; SORENSON, T. & SCHLUSINGER, F. Use of the Danish Adoption Register for the study of obesity and thinness. In S.S. Kety, L.P. Rowland, R.L. Sidman, & S.W. Matthysse (Eds.) The genetics of neurological and psychiatric disorders. New York: Raven. p. 115-120, 1983.

TAVARES, M. Consolação G. Cunha F. (org). O dinamismo da imagem corporal. – São Paulo : Phorte, 2007.

Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL E ANOS INICIAIS
PÓLO SERAFINA CORREA

Avaliação do IMC em estudantes da E.M.E.F. São Luiz Gonzaga do Município de
Passo Fundo e a sua relação com a imagem corporal.

Prezado(a) Senhor(a):

Solicitamos a autorização dos senhores responsáveis para que a professora Aline Araújo Silveira realize uma pesquisa que faz parte do seu trabalho de conclusão da especialização em Educação Física Infantil e Anos Iniciais, sob a orientação da professora Simone Dias Leal da Universidade Federal de Santa Maria com o (a) aluno (a) _____, estudante dos anos iniciais da EMEF São Luiz Gonzaga.

Antes de concordar e autorizar seu filho (a) a participar desta pesquisa é importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento, esclarecendo suas dúvidas pessoalmente com a professora, caso sinta necessidade.

Esta pesquisa tem o objetivo medir o Índice de Massa Corporal (estatura e peso) para posterior análise individual destes índices e classificação dentro da tabela da Organização Mundial da Saúde e também na aplicação de um instrumento de avaliação de imagem corporal com os alunos a ser feito em aula.

A participação do seu/sua filho (a) é voluntária, sendo possível desistir de participar a qualquer momento, sem prejuízos ou penalidades, neste caso.

Benefícios: Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, com benefício aos alunos pesquisados através de projetos educacionais após as conclusões deste estudo.

Riscos: A participação desta pesquisa através das medidas e do instrumento de avaliação da imagem corporal não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica ao aluno (a).

Sigilo: As informações fornecidas, bem como as medidas feitas terão sua privacidade garantida pelos pesquisadores responsáveis. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que compreendi e estou ciente a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo. Dessa maneira, ficaram claros quais são os objetivos, os procedimentos a serem realizados, a confidencialidade e esclarecimentos permanentes, bem como, que tenho o direito de retirar o meu consentimento a qualquer momento, se assim achar conveniente, sem sofrer nenhuma penalidade.

Ficou claro também que a participação de meu/minha filho(a) é voluntária e isenta de quaisquer despesas e que tenho garantia de acesso aos resultados e de esclarecer minhas dúvidas a qualquer tempo. Concordo voluntariamente em que meu/minha filho(a) participe deste estudo e autorizo que a professora pesquisadora realize as medidas com ele/ela.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____, estou de acordo com a participação do meu/minha filho(a) nesta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Passo Fundo, _____ de _____ de 2014

Assinatura do responsável

Aline Araújo Silveira
Professora pesquisadora

ANEXOS

ANEXO A - Critérios de referência para definição de Baixo Peso, Excesso de Peso e Obesidade para o sexo masculino (CONDE e MONTEIRO, 2006).

Critérios de referência para definição de Baixo Peso, Excesso de Peso e Obesidade para o sexo masculino (CONDE e MONTEIRO, 2006).				
IDADE	BP	NORMAL	EP	OB
7 anos	<12,96	12,96 – 17,87	18,87 – 21,83	> 21,83
8 anos	< 12,91	12,91 – 18,16	18,16 – 22,69	> 22,69
9 anos	< 12,95	12,95 – 18,57	18,57 – 23,67	> 23,67
10 anos	< 13,09	13,09 – 19,09	19,09 – 24,67	> 24,67
11 anos	< 13,32	13,32 – 19,68	19,68 – 25,58	> 25,58
12 anos	<13,63	13,63 – 20,32	20,32 – 26,36	> 26,36
13 anos	<14,02	14,02 – 20,99	20,99 – 26,99	> 26,99
14anos	<14,49	14,49 – 21,66	21,66 – 27,51	> 27,51
15 anos	< 15,01	15,01 – 22,33	22,33 – 27,95	> 27,95
16 anos	< 15,58	15,58 – 22,96	22,96 – 28,34	> 28,34
17 anos	< 16,15	16,15 – 23,56	23,56 – 28,71	> 28,71

ANEXO B - Critérios de referência para definição de Baixo Peso, Excesso de Peso e Obesidade para o sexo feminino (CONDE e MONTEIRO, 2006).

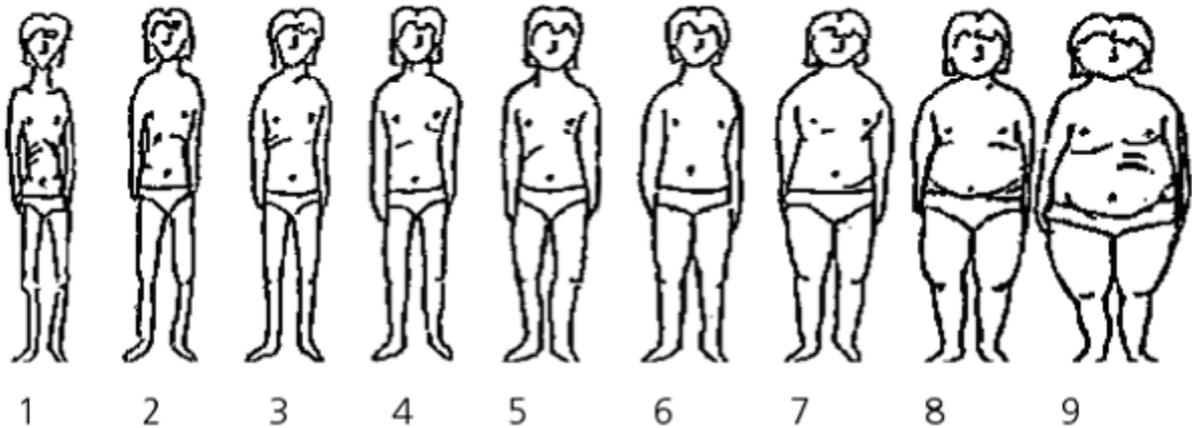
Critérios de referência para definição de Baixo Peso, Excesso de Peso e Obesidade para o sexo feminino (CONDE e MONTEIRO, 2006).				
IDADE	BP	NORMAL	EP	OB
7 anos	<13,10	13,10 – 17,20	17,20 – 19,81	>19,81
8 anos	< 13,07	13,07 – 17,49	17,49 – 20,44	>20,44
9 anos	< 13,16	13,16 – 17,96	17,96 – 21,28	>21,28
10 anos	< 13,40	13,40 -18,63	18,63 – 22,32	>22,32
11 anos	< 13,81	13,81 – 19,51	19,51 – 23,54	>23,54
12 anos	<14,37	14,37 – 20,55	20,55 – 24,89	>24,89
13 anos	<15,03	15,03 – 21,69	21,69 – 26,25	>26,25
14anos	<15,72	15,72 – 22,79	22,79 – 27,50	>27,50
15 anos	< 16,35	16,35 – 23,73	23,73 – 28,51	>28,51
16 anos	<16,87	16,87 – 24,41	24,41 – 29,20	>29,20
17 anos	<17,22	17,22 – 24,81	24,81 – 29,56	>29,56

ANEXO C - Silhuetas de Stunkard para avaliação da imagem corporal para meninos

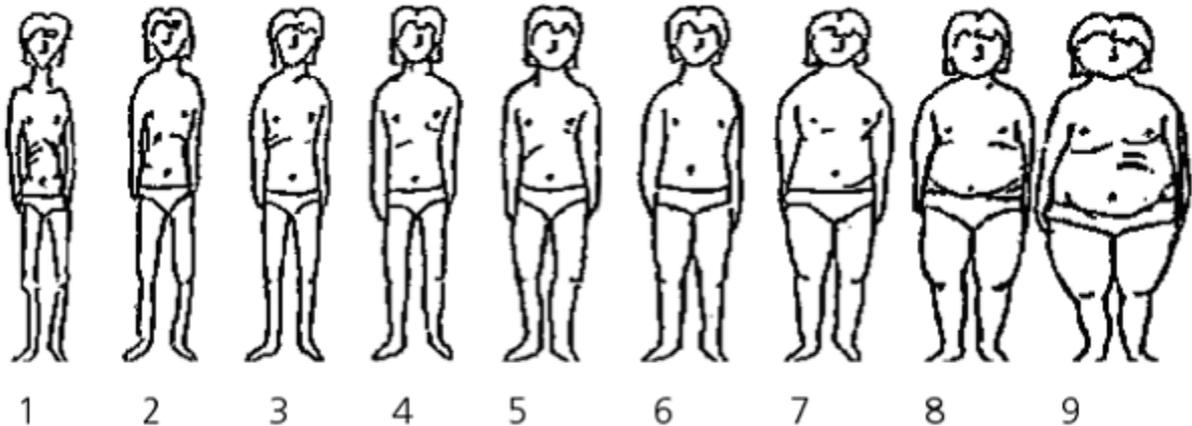
Nome: _____

Observe a série de figuras abaixo:

Marque um "X" na figura com que tu mais te pareces.



Marque um "X" na figura com que tu mais gostarias de te parecer.



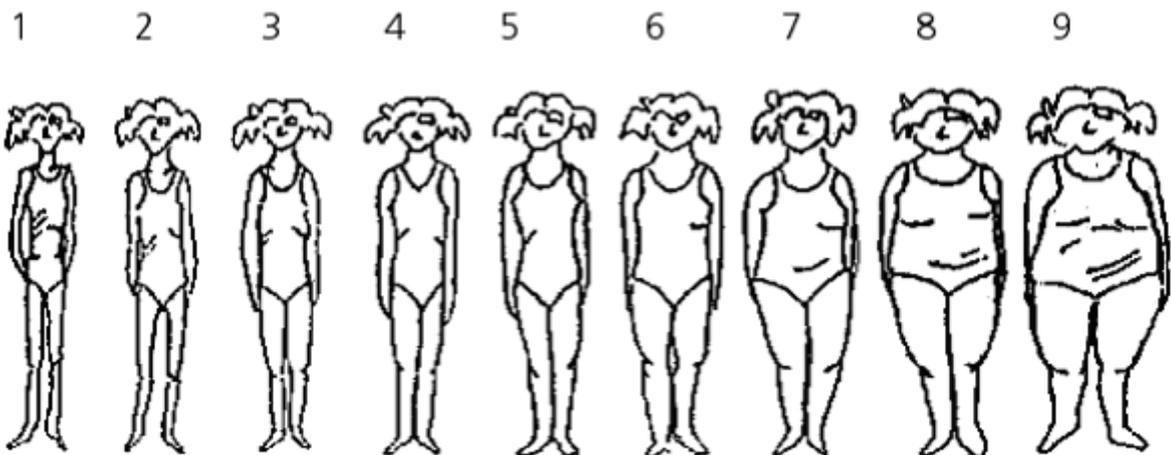
Resultado:

ANEXO D - Silhuetas de Stunkard para avaliação da imagem corporal para meninas

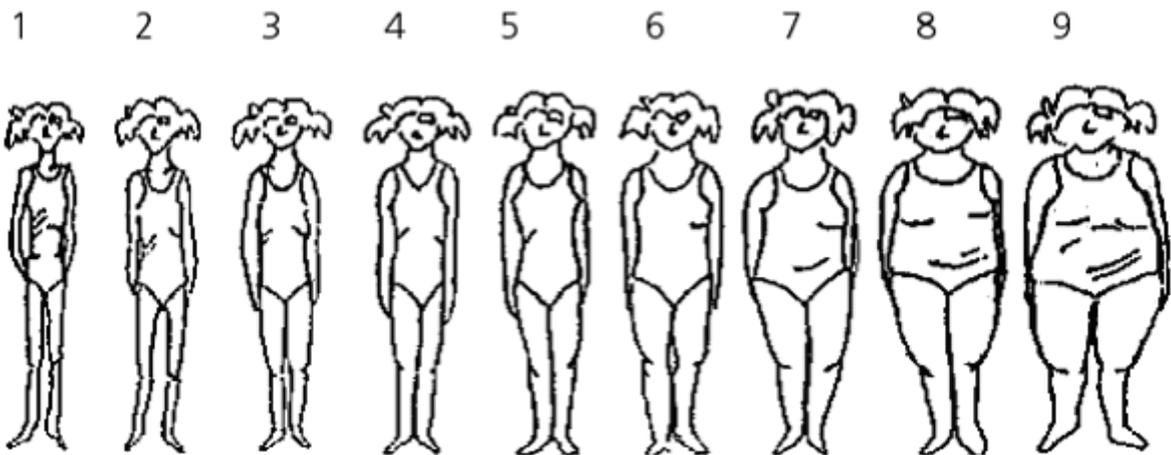
Nome: _____

Observe a série de figuras abaixo:

Marque um "X" na figura com que tu mais te pareces.



Marque um "X" na figura com que tu mais gostarias de te parecer.



Resultado:
